

Na crista da bio-onda

A alta dos preços das resinas derivadas de petróleo está destravando a porta



para o consumo robustecido dos bioplásticos, extraídos de fontes naturais. Foi esse o consenso reinante no seminário de comercialização de bioresinas, montado em novembro com a nata global do ramo nos EUA. Eventos em 2006 e 2007, condicionaram os palestrantes, determinarão se a porta do mercado vai escancarar ou deixar a fresta de um econicho para essas matérias-primas. Dois dos maiores tipos de bioresinas, ácido polilactídeo (PLA) e copolímeros alifáticos aromáticos, acusam desde 1999 preços declinantes, hoje equiparáveis aos de resinas commodities, apontaram especialistas. Em decorrência, proliferam novos fornecedores nesse circuito. A americana **Metabolix**, por exemplo, começou a produzir um polímero à base de açúcar de milho (polihidroxiálcanoato orgânico) e espera gerar dois milhões de libras (cerca de 907 toneladas) em 2006. Por seu turno, a montadora americana **John Deere** soltou no evento a decisão de montar seus tratores na Alemanha e no Brasil com peças como tetos, moldadas com bioresinas originárias da soja. A vedete desse palco é **NatureWorks**, controlada da agrogigante **Cargill**, à frente de sua precursora planta de 300 milhões de libras (cerca de 136.000 toneladas) ao ano de PLA derivado do milho, cotado na faixa de US\$ 0,75 a US\$ 1/libra, considerada pela empresa como competitivas com PS e PET. O material, cujo prazo de biodegradação é fixado e 47 dias em condições